

LITERATURA CEARENSE

RACHEL DE QUEIROZ

Recebo o alentado e importante livro de Sanzio de Azevedo simplesmente intitulado *Literatura Cearense*. E mais uma vez passo, tomada pela conhecida admiração do escriba sem estudos, que enche o papel com as suas próprias caraminholas, imaginações, invenções, queixumes e júbilos — e de repente vê chegarem os críticos, os sabedores; e, daquela matéria que sai da gente quase com um ectoplasma, eles fazem a base dos seus estudos. E sistematizam o que de nascimento é anárquico, e o analisam e interpretam e classificam e situam no lugar devido.

Mesmo quando eles são contra, e não gostam daquilo que a gente fez, continua a ser lisongeiro o interesse e a seriedade do enfoque através do qual nos estudam — é como se nos mostrassem uma nova dimensão, de que nós não tínhamos consciência.

No fundo, no fundo, acho que nos deveríamos sentir como plantas, insetos, viventes e bichos criados pela desordenada natureza, quando se vêem classificados pelo naturalista e incluídos os seus nomes e números nos temas severos de Botânica e Zoologia. Com retrato e tudo.

Outra cogitação que me traz o livro do professor Sanzio Azevedo é a renomada admiração pela força cultural da província, sempre fecunda, sempre estudiosa e sempre a dar lições de seriedade e objetividade a estes inquietos homens de metropole, tão solicitados, bombardeados, afligidos por toda espécie de imposições dos purgatórios de cimento e tráfego que são Rio e São Paulo. Embora, justiça se faça, as capitais dos estados, tão tranqüilas outrora, já estejam também bastante contaminadas pela poluição progressista, nelas ainda se mantém a estimável tradição da veneração à cultura, o respeito ao erudito e ao seu trabalho.

Verdade que esse majestoso isolamento também criava ao estudioso problemas de comunicação e consulta mútua. Mas hoje a di-

fusão das universidades, despolarizando os centros culturais que dantes se fixavam em muito poucas cidades, irradia pelo país inteiro uma rede de facilidades e intercâmbio muito fecundo. É uma dispersão que não é uma fragmentação, mas uma expansão de largos braços. E se às vezes se lhe pode fazer restrições — acusar as novas universidades de improvisação, deficiências, etc. muito mais benefícios se auferem no total, mesmo se descontando os pontos negativos.

O professor Sanzio de Azevedo, que ora faz um curso de pós-graduação aqui no Rio, é um exemplo excelente do que o Ceará cultural tem para nos dar. O seu livro, tipo de estudo que os americanos chamam de “compreensivo” — ou seja abrangedor, é desde já um volume de consulta obrigatória para quem se interessar pela literatura do nosso estado — modéstia à parte muito importante. Uma literatura onde se contam José de Alencar, Araripe Junior, Adolfo Caminha, Antônio Sales, José Albano, Leonardo Mota, para só citar esses, mais conhecidos e já mortos. Uma cultura que deu ao Brasil aquele genio da história que se chamou Capistrano de Abreu, mestres do Direito como Clóvis Bevilacqua; filósofos como Farias Brito. Nem preciso dar mais nomes porque se a terra das secas é notoriamente pobre de riquezas comerciáveis, tem o seu grande capital, e seu tesouro, no seu admirável povo.

Como disse, o estudo é pormenorizado, quase exaustivo; inicia-se no começo do século XIX, com o pouco falado grupo dos Oiteiros, poetas que, ainda na fase colonial, se reuniam em torno do famoso governador Sampaio, “em sessões palacianas”.

E termina apresentado a mais nova safra de poetas e prosadores que vêm atuando com denodo e talento em jornais, revistas e livros.

Cada movimento e cada grupo merece um estudo geral e objetivo; e dentro dos grupos períodos e movimentos, são destacados os autores pela ordem de importância, com notas bibliográficas, um estudo crítico da sua obra necessariamente rapido, e a transcrição de um trecho de sua lavra. 585 páginas, fora os índices. Edição que marca a nova e auspiciosa fase da Academia Cearense de Letras, em boa hora dedicada também à publicação dos bons autores, mormente os que, como o que escreveu esta *Literatura Cearense* podem ser chamado de fundamentais.